

## Artigos Originais

# Práticas Corporais de aventura na Educação Física Escolar: desafios e perspectivas dos professores<sup>1</sup>

## Adventure-based Physical Activities in School Physical Education: Challenges and Teachers' Perspectives

## Prácticas Corporales de aventura en la Educación Física Escolar: desafíos y perspectivas de los profesores



**Carolina Rocco da Costa**

Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil

E-mail: carolrocco2002@gmail.com



**Victoria Gabriela Obino dos Santos**

Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil

E-mail: victoriagobino@gmail.com



**Elizandro Ricardo Cássaro**

Secretaria de Educação do município de Maringá, Paraná, Brasil

E-mail: elizandrorc@hotmail.com



**Giuliano Gomes de Assis Pimentel**

Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil

E-mail: ggapimentel@uem.br



**Ana Luiza Barbosa Anversa**

Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil

E-mail: ana.beah@gmail.com

**Resumo:** Analisaram-se os desafios e as perspectivas de professores de Educação Física ao ensinar as Práticas Corporais de Aventura nos anos finais do ensino fundamental. Para tanto, utilizou-se o método qualitativo descritivo, com entrevistas semiestruturadas com seis

<sup>1</sup> O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para a sua realização.

docentes de dois colégios estaduais de Maringá-PR. Os professores buscam integrar essas práticas por favorecerem ações interdisciplinares e o desenvolvimento integral do estudante. Contudo, esses profissionais enfrentam dificuldades ligadas ao risco controlado, indisciplina e limitado conhecimento específico. Para superá-las, aponta-se o uso de materiais alternativos, de recursos tecnológicos e de participação ativa dos estudantes. Conclui-se que o conteúdo, distinto do convencional, contribui para aspectos motores, emocionais e sociais.

**Palavras-chave:** escola; esportes de aventura; concepções.

**Abstract:** The challenges and perspectives of Physical Education teachers in teaching Adventure Physical Practices in the final years of elementary school were analyzed. A descriptive qualitative method was used, with semi-structured interviews conducted with six teachers from two schools in Maringá-PR. Teachers seek to integrate these practices because they foster interdisciplinary actions and the holistic development of students. However, they face difficulties related to controlled risk, indiscipline, and limited specific knowledge. To overcome these challenges, they point to the use of alternative materials, technological resources, and active student participation. In conclusion, the content, distinct from conventional practices, contributes to motor, emotional, and social aspects.

**Keywords:** school; adventure sport; concepts.

**Resumen:** Se analizaron los desafíos y perspectivas de los profesores de Educación Física al enseñar Prácticas Corporales de Aventura en los últimos años de la educación primaria. Se utilizó un método cualitativo descriptivo, con entrevistas semiestructuradas a seis docentes de colegios de Maringá-PR. Los profesores buscan integrar estas prácticas por favorecer acciones interdisciplinarias y el desarrollo integral del estudiante. Sin embargo, enfrentan dificultades relacionadas con el riesgo controlado, la indisciplina y el conocimiento específico limitado. Para superarlas, señalan el uso de materiales alternativos, recursos

tecnológicos y la participación activa de los estudiantes. Este contenido, distinto del convencional, contribuye a aspectos motores, emocionales y sociales.

**Palabras clave:** escuela; deportes de aventura; concepciones.

Submetido em: 19/09/2025

Aceito em: 22/03/2026

## 1 Introdução

A palavra aventura vem do latim *ad venture*, que significa “coisas a vir”. Quando aliada ao termo *atividades*, a etimologia está relacionada a “estar preparado para o que vier”, fazendo referência a um conjunto de práticas que tem por eixo norteador a aventura (Triani *et al.*, 2023). Para o Ministério do Turismo, a atividade de aventura se destina a experiências recreativas, físicas e sensoriais, que envolvem desafio e riscos avaliados, controláveis e assumidos, que podem proporcionar sensações diversas, como liberdade, prazer, superação, a depender da expectativa e experiência de cada pessoa e do nível de dificuldade de cada (Brasil, 2010; Brasil; Freitas; Silva, 2006). Além disso, a temática gera a socialização e a cooperação, ao viabilizar momentos de interação e ajuda.

As Práticas Corporais de Aventura (PCA), ao serem trabalhadas na escola, oportunizam aos estudantes experiências, sensações e aprendizagens importantes de caráter formativo. Pimentel, Zanon e Lima (2017) ressaltam que, ao se trabalhar com PCA, assim como outras atividades não convencionais na Educação Física Escolar, tem-se uma ferramenta de inovação cultural, as quais representam possibilidades de diversificação no conteúdo tradicional da escola e ampliação do repertório motor e cultural dos estudantes.

Franco *et al.* (2011) e Godoi, Yoshida e Fernandes (2024) acreditam que as PCA, dentro do contexto escolar, proporcionam o bem-estar, a liberdade, a superação, a emoção, o desafio e o prazer, possibilitando que o praticante se confronte com ele próprio, superando limites, barreiras e vencendo desafios e agregando a aquisição de novos saberes, para além dos formalizados pelo currículo.

A Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017), atual documento orientador da educação básica, apresenta as PCA como uma das unidades temáticas da Educação Física, sendo o seu conteúdo proposto do sexto ano do ensino fundamental até a últi-

ma etapa do ensino médio e subdividido em atividades praticadas em espaços urbanos e em ambientes naturais. Bungenstab *et al.* (2017) apontam que as PCA exploram expressões corporais provocadas por situações de imprevisibilidade, incertezas, vertigem e risco controlado, oportunizando o trabalho de habilidades motoras, consciência corporal e autonomia, além de resgatar a relação do ser humano com a natureza.

Mesmo com os direcionamentos dos documentos orientadores e normativos da educação básica e os indicativos da literatura (Gonçalves *et al.*, 2020; França *et al.*, 2023) de que o conteúdo amplia as possibilidades práticas da área e trabalha sentimentos e valores, como diversão, alegria, companheirismo, superação, prazer, cooperação, solidariedade, compreensão da realidade, revitalização de forças, entre outras sensações e sentimentos, nota-se que a unidade temática PCA ainda é trabalhada de forma pontual nas aulas. Isso ocorre devido à desvalorização e/ou à resistência que carrega quando comparada aos outros conteúdos da área, à falta de materiais específicos nas escolas e às demandas de risco e imprevisibilidade inerentes às experiências corporais.

Diante do exposto, destaca-se a necessidade de os professores de Educação Física terem a compreensão sobre as práticas corporais de aventura e de como desenvolver ações junto aos estudantes no cenário escolar, enfrentando os desafios postos em prol da formação dos estudantes e do atendimento aos documentos educacionais.

Posto isso, a presente pesquisa parte da seguinte inquietação: quais as perspectivas dos professores de Educação Física do ensino fundamental, anos finais, no ensino das PCA? Ressalta-se que o termo *perspectiva* é adotado no sentido de representação, ou seja, o olhar do professor sobre conteúdos, avaliações e métodos de ensino. Com base neste estudo, entendem-se as ações pedagógicas adotadas, os desafios e as interpretações dos professores sobre ações cotidianas.

Para responder à problemática traçada, a presente pesquisa tem como objetivo analisar os desafios e as perspectivas dos professores de Educação Física ao trabalhar PCA no ensino fundamental, anos finais. Para tanto, irá apresentar, com base na literatura, como tem se dado a prática pedagógica das atividades de aventura no contexto escolar; identificar junto aos professores de Educação Física do ensino fundamental, anos finais, os desafios e as perspectivas do trabalho com a PCA na escola e verificar como as PCA vêm sendo trabalhadas na Educação Física Escolar e as dificuldades e perspectivas dos professores.

## 2 Métodos

A presente pesquisa adotou o método qualitativo do tipo descritivo. A pesquisa qualitativa se caracteriza por se preocupar com o nível de realidade que não pode ser quantificado, dando ênfase ao universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes (Minayo, 2014). Já o enfoque descritivo, de acordo Alves (2021), tem por objetivo descrever as características do objeto pesquisado por meio de análise, de registro e de interpretação dos fatos, sem a manipulação ou a interferência do pesquisador.

A população investigada foi professores de Educação Física vinculados a dois colégios estaduais de Maringá-PR e que ministram aulas no ensino fundamental – anos finais. Os colégios foram selecionados de modo intencional (Cozby, 2006) devido à facilidade de acesso a eles e ao vínculo com os estágios obrigatórios e com os projetos de ensino e de pesquisa da instituição. Um colégio conta com cinco professores de Educação Física que ministram aulas no ensino fundamental, sendo que desses quatro aceitaram participar da pesquisa; o outro colégio tem dois professores de Educação Física para essa etapa de ensino, ambos aceitaram participar da entrevista. Deste modo, seis professores de Educação Física compuseram a amostra e foram nomeados de professor 1 a 6, a fim de terem suas identidades preservadas.

Para coleta dos dados, fez-se uso de uma entrevista semiestruturada, composta por sete questões, validadas em relação à clareza de conteúdo (linguagem, pertinência e relevância) por dez professores especialistas da área. As questões foram direcionadas ao planejamento, à aplicação e à avaliação das ações pedagógicas relacionadas às PCA nas aulas de Educação Física Escolar.

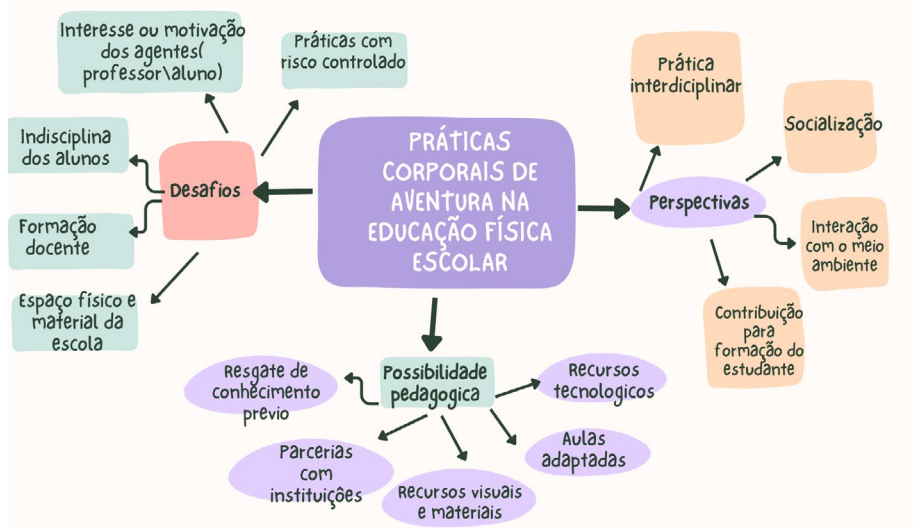
A análise de dados ocorreu com base na análise de conteúdo, que, segundo Minayo (2007), é uma técnica de pesquisa científica baseada em procedimentos sistemáticos (pré-análise, exploração do material e inferência e interpretação), validados e públicos para criar inferências válidas sobre determinados conteúdos verbais, visuais ou escritos, buscando descrever, quantificar ou interpretar certo fenômeno em termos de seus significados, intenções, consequências ou contextos. As falas foram agrupadas em unidades básicas descritivas, apresentadas em frequência de respostas/unidades de registro (f).

Por fim, destaca-se que a presente pesquisa está vinculada a um projeto de pesquisa institucional, chamado “Relações entre as práticas corporais de aventura na natureza e a educação ambiental na formação docente em Educação Física”, que foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da Universidade Estadual de Maringá, vinculado à Plataforma Brasil, sob o Processo nº CAAE 69177817.3.0000.0107, e aprovado sob o parecer nº 3.659.432.

### 3 Resultado e discussões

Após a leitura e análise das entrevistas com base no método proposto, os achados foram agrupados em três categorias definidas *a posteriori*, sendo: desafios, perspectivas e possibilidades pedagógicas em relação às PCA (Figura 1).

Figura 1 – Desafios e perspectivas dos professores de Educação Física em relação às Práticas Corporais de Aventura na Educação Física Escolar



Fonte: elaborada pelos autores.

Ao verificar a perspectiva dos professores de Educação Física em relação ao trabalho com as PCA durante as aulas, constata-se que, para os professores (f 4), esse conteúdo demanda uma ação interdisciplinar. O professor 1 (entrevista concedida em 12 ago. 2024) destaca que “a prática interdisciplinar é muito importante para a educação dos alunos e, com esse conteúdo, poderiam ser trabalhadas partes de aventura, preservação do meio ambiente, poluição, entre outros”. Já o professor 2 (entrevista concedida em 12 ago. 2024) indica que “seria um sonho trabalhar de forma interdisciplinar, a gente poderia trabalhar a questão de ambiente, eventos esportivos, questões de medalhas, premiação, ranking, trazer a importância da preservação e poluição, trabalhar com ciências, geografia, trabalhar a questão geopolítica”.

Sobre a ação interdisciplinar no trato com as PCA, Tahara e Darido (2016) e Tenório, Grigoletto e Bonaparte (2021) apontam que essa unidade temática auxilia os estudantes a conhecerem as características locais, os aspectos históricos e geográficos da região, a importância da sustentabilidade e impactos ambientais, podendo ser um conteúdo que dialoga com as disciplinas de ciências, geografia e matemática. Além disso, Silva, Lima e Vilanova-Campelo

(2022) ressaltam que trabalhar as PCA, atreladas a outros conteúdos escolares, auxilia a reconfigurar os conteúdos da Educação Física, trazendo novas estratégias de ensino e de aprendizagem que tenham como pautas principais normas, valores e atitudes.

Os indicativos dos professores, em relação à interdisciplinaridade, remetem a outra categoria identificada, a de Interação com o meio Ambiente. De acordo com o professor 3 (entrevista concedida em 27 ago. 2024), “uma prática em um ambiente natural, explorando suas belezas, lugares diferentes, esportes não convencionais, como praticados em florestas, trilhas, cachoeiras ou até mesmo em um ambiente rural, auxilia os estudantes a conhecerem outras possibilidades e lugares”. Franco (2008) aponta que as vivências de aventura podem gerar uma aproximação entre o indivíduo e o meio ambiente (sol, vento, montanha, rios, vegetação, lua, chuva, entre outros), propiciando atitudes de respeito, admiração e preservação.

Ao trazer essas experiências para o contexto escolar, o autor supracitado coloca que os estudantes têm contato com experiências afetivas, cognitivas e motoras, ampliando a compreensão da relação humana com a natureza, denominada de consciência ecológica. Esse conhecimento, segundo Paixão e Coutinho (2023), é determinante tanto para minimizar os impactos ambientais das próprias práticas corporais de aventura como também para conectar o estudante ao meio em que está inserido.

Dentro das perspectivas dos professores para com o trabalho com as PCA no contexto escolar, os professores participantes também citam a contribuição na formação dos estudantes, destacando a questão cognitiva (f4), confiança em si (f1), a redução da ansiedade (f2), as questões emocionais (f3), o equilíbrio (f2), a coordenação (f3), a coragem (f3), os desafios (f2), a força (f2), a resistência (f2), a experiência motora (f2), a vivência prática corporal diferente (f5) e a socialização (f3).

Sobre os valores formativos das PCA, Santos e Rosa (2023) apontam que, ao se trabalhar com as PCA na Educação Física

Escolar, cria-se um ambiente propício para o trabalho em equipe, para a cooperação e para a competição saudável. De acordo com as autoras, por meio dos conteúdos dessa unidade temática, os estudantes aprendem a respeitar regras, a lidar com vitórias e derrotas e trabalham com suas habilidades interpessoais e de socialização, como interação, cooperação e confiança.

O processo de socialização, nas aulas de Educação Física, oportuniza, segundo Furtado (2020), a humanização das relações sociais. Além disso, o contato com a natureza e com ambientes recreativos diferentes do que estão habituados acaba por reduzir o estresse, promover a autoestima e o bem-estar emocional, levando os estudantes a lidarem com desafios, a superarem obstáculos e a desenvolverem resiliência e outras habilidades essenciais para a vida cotidiana (Martins; Silva, 2019).

Mesmo reconhecendo os benefícios e as perspectivas do trabalho com as PCA nas aulas de Educação Física, os professores relatam alguns desafios para a efetividade das ações. Entre as barreiras enfrentadas pelos professores, está o conhecimento superficial sobre as PCA, uma vez que, com base nas respostas dos docentes, esse conteúdo não foi tão explorado ao longo da graduação, até mesmo por ser um dos conteúdos novos e emergentes da área.

De acordo com o professor 3 (entrevista concedida em 27 ago. 2024), ele não se lembra de ter trabalhado, estudado ou vivenciado as PCA durante sua graduação: “Eu não lembro de ter disciplina ou de ter feito algum curso. Foi depois da graduação que tive contato até mesmo com a implantação da BNCC, que trouxe essa questão para o currículo”. O professor 4 (entrevista concedida em 27 ago. 2024) também ressalta que as experiências que traz em suas aulas é com base em suas vivências pessoais: “É um pouco complicado trabalhar as PCA nas aulas porque, assim, eu fui uma criança que brincava na rua, hoje tenho alunos que não têm essa realidade, então minha experiência é mais da minha vivência como criança e adolescente”.

Sobre o assunto, Corrêa *et al.* (2020) apontam que o conteúdo PCA é um conteúdo recente nos currículos de graduação e de pós-graduação em Educação Física. Segundo os autores, a maioria dos professores que estão em atuação nas escolas não teve a oportunidade de discutir essa temática em sua formação inicial e precisarão de espaços para se apropriar e compartilhar conhecimentos sobre esse conteúdo. Todavia, com base em Agapto e Moura (2023), esse quadro tem mudado, uma vez que, de acordo com seus achados, o conteúdo de PCA está sendo implantado nos currículos de Educação Física em todas as regiões do Brasil, reflexo da influência da BNCC ou por força da mídia e dos novos padrões de comportamento que buscam uma reaproximação com a natureza.

É importante lembrar que mudanças nas grades curriculares dos cursos de ensino superior não é uma tarefa simples e pode demorar muito tempo até que uma nova geração de professores tenha se formado e tido a oportunidade de refletir sobre esse tema e se inspirar em inserir novas temáticas nas aulas. A qualidade da educação em Educação Física está intrinsecamente ligada à competência e à atuação dos educadores. Nesse sentido, investir em programas de formação e atualização dos professores é essencial para assegurar que esses profissionais se mantenham informados acerca de melhores práticas pedagógicas e estejam cientes das abordagens mais recentes na área (Freitas, 2017).

Pode-se observar, por meio das respostas dos professores, que as práticas corporais de aventura, embora façam parte das unidades temáticas propostas pela BNCC, não são trabalhadas com profundidade ou variedade ao longo das aulas. Além das falhas no processo de formação inicial e/ou continuada, os professores relatam certa insegurança de se trabalhar essa unidade temática devido ao risco controlado (f3), à indisciplina dos alunos (f1) e à grande quantidade de alunos por sala. O professor 1 (entrevista concedida em 12 ago. 2024) coloca que:

Quando você vai procurar uma prática corporal de aventura, você vai precisar do pátio, por exemplo, para o *parkour*,

*slackline*. Então, um grande desafio, principalmente se tratando de crianças do 6º, 7º e 8º anos, é a indisciplina. É desafiador levar para o pátio, montar o *slackline*, é difícil controlar uma turma de trinta, quarenta alunos em um ambiente aberto.

A indisciplina na Educação Física é um elemento muito presente nas falas dos professores da área, o que leva os docentes a mudar as proposições de suas práticas pedagógicas e/ou a reformular a forma que irão abordar determinado conteúdo. De acordo com Andrade e Sousa (2014), a indisciplina nas aulas de Educação Física está sendo um obstáculo ao bom andamento das aulas, reflexo de problemas dos estudantes com a sociedade, com a família, com a escola, com o professor e com os demais alunos.

Com base em Lopes (2024), a indisciplina pode ser interpretada como um sinal de desvio comportamental de um indivíduo que procura se distanciar do grupo, perdendo a conexão com a dinâmica holística. Para Bastos (2020), a indisciplina dos estudantes na sala de aula é um problema recorrente e pode-se perceber dificuldades com isso tanto para os professores, que ministram as aulas, quanto para os próprios alunos, que buscam conhecimento, uma vez que, segundo Antunes (2017), a falta de disciplina na sala de aula prejudica a aprendizagem.

Muitas são as causas apontadas para esse comportamento indesejado; entre elas, podem ser citadas aulas desinteressantes, professores mal preparados, problemas orgânicos dos estudantes, desestruturação familiar, entre outros (Bastos, 2020). Além da questão da indisciplina, os professores relatam que a desmotivação dos agentes (professor/aluno) (f1) é outro ponto desafiador, pois, muitas vezes, práticas diferenciadas não são aceitas, o que desmotiva o professor a pensar em práticas diferenciadas ou no uso de diferentes metodologias de ensino.

Com base em Amaral *et al.* (2021), a Educação Física frequentemente enfrenta a cultura do “fazer por fazer”, em que as aulas são vistas apenas como um momento de lazer ou de “liberação de

energia” após as horas passadas em sala de aula. Essa percepção estereotipada pode levar a uma abordagem simplista da disciplina, por isso, superar esse estereótipo e desenvolver uma cultura que valorize a Educação Física como um componente curricular que vai além da simples atividade física é um desafio importante para os professores e para os alunos também.

Investigações recentes sobre a formação docente, tanto inicial quanto continuada, para o desenvolvimento das PCA nas aulas de Educação Física Escolar (Pereira; Armbrust, 2021; Paixão; Coutinho, 2023; Cardoso; De Deus Inácio, 2025), apontam fatores relevantes para que esse conteúdo seja efetivamente incorporado ao ensino. Os estudos citados, realizados em diferentes estados brasileiros – São Paulo, Minas Gerais e Goiás –, evidenciam a pluralidade de experiências relacionadas às PCA.

Segundo Pereira e Armbrust (2021), em uma pesquisa com 93 sujeitos localizados em um município do estado de São Paulo, verificou-se que apenas 39,8% dos participantes afirmaram ter cursado a disciplina relacionada às práticas de aventura durante a graduação, enquanto 60,2% relataram não ter tido contato com esse conteúdo em sua formação inicial. Ao considerar a natureza da instituição de ensino, os dados revelaram que, entre os 68 graduados em instituições privadas, 44,1% cursaram a disciplina, ao passo que, dos 25 graduados em instituições públicas, apenas 28% tiveram acesso a essa formação. Os mesmos autores identificaram alguns empecilhos para a inserção das PCA nas aulas de Educação Física. Entre os participantes, 82,8% apontaram a carência de equipamentos como obstáculo, enquanto 77,4% destacaram a ausência de espaços físicos adequados. Além disso, 36,6% relataram pouca colaboração das equipes diretivas, 31,2% mencionaram os riscos envolvidos e 24,7% ressaltaram a falta de formação específica como fatores limitantes para o trabalho pedagógico com PCA.

No estudo de Cardoso e De Deus Inácio (2025), que investigou a presença das PCA no currículo paulista, foram identificadas algumas lacunas relacionadas à implementação desse conteúdo após a homologação da BNCC (Brasil, 2017). Entre elas, destacam-se: a

insuficiência de materiais escolares, as limitações dos espaços disponíveis, as condições socioeconômicas dos estudantes e as desigualdades estruturais da educação brasileira. Os autores salientam que aspectos, como segurança, infraestrutura, inclusão e acessibilidade, devem ser considerados para viabilizar a efetiva inserção das PCA no ensino da Educação Física no estado de São Paulo. Já Paixão e Coutinho (2023) realizaram uma revisão sistemática sobre as PCA no ambiente escolar, utilizando como critérios de inclusão artigos originais publicados entre 2017 e 2023, disponíveis no Portal de Periódicos CAPES. Inicialmente, foram identificados 120 artigos relacionados ao tema “Proposições acerca das práticas corporais de aventura como conteúdo da Educação Física Escolar”. Após a triagem por título, 72 artigos foram excluídos. Em seguida, na análise dos resumos, mais 22 foram retirados e, posteriormente, após a leitura completa, catorze artigos também foram eliminados. Assim, apenas doze estudos compuseram a amostra final.

De modo geral, esses levantamentos indicam que, embora haja interesse por parte de alguns professores em desenvolver as PCA, persistem barreiras significativas, como a falta de incentivo por parte das equipes gestoras, a ausência de espaços e equipamentos adequados, bem como a resistência e o desconhecimento em relação aos currículos oficiais (PCNs e BNCC). Tais fatores acabam por dificultar a consolidação das práticas corporais de aventura como parte efetiva do currículo da Educação Física Escolar.

Outra dificuldade elencada pelos professores entrevistados em relação ao trabalho com as PCA é o espaço físico e material (f6). Os professores destacam que, muitas vezes, precisam dividir o espaço com outro professor (f2) e os espaços físicos da escola para determinadas práticas ainda são restritos. Porém, de acordo com os professores, a falta de material vem sendo superada, uma vez que as escolas conseguem adquirir materiais para a prática da temática (f3).

De acordo com o professor 1 (entrevista concedida em 12 ago. 2024), “hoje em dia, dá para adquirir esses materiais, antes era uma bola, rede, né?! Hoje, pode comprar *frisbee*, *slackline*”. No entanto, o professor 5 (entrevista concedida em 25 set. 2024) aponta que

“as escolas são muito limitadas para poder trabalhar com as PCA, principalmente em relação ao espaço físico e material. Geralmente é mais de uma turma na quadra, batendo nos horários das aulas de Educação Física”.

A carência de material e de estrutura é confirmada pelo estudo de Bagnara e Fensterseifer (2019), que colocam que um dos desafios mais comuns na aplicação da PCA na escola é a falta de infraestrutura adequada e de materiais. Muitas escolas enfrentam a carência de espaços apropriados para a prática de atividades físicas, como quadras esportivas, campos e áreas para práticas ao ar livre. Além disso, a escassez de equipamentos e de materiais esportivos apropriados limita as possibilidades de oferecer uma variedade de atividades, essenciais para o enriquecimento da Educação Física.

Mesmo com desafios de falta de materiais, de estrutura física para as aulas e a falta de formação, os professores apresentaram algumas possibilidades pedagógicas para que a temática seja trabalhada nas PCA na escola. De acordo com os professores, é possível, durante as aulas, fazer uso de recursos tecnológicos (f1). Como exemplo, os professores indicam slide (f2), vídeo (f2), fotos (f2), bússola (f4), produção de conteúdo *online* (f3), celulares (f1) entre outros. Outra possibilidade são os materiais adaptados (f3), alunos para auxiliar durante a aula (f2) e participação ativa dos estudantes com base em suas experiências cotidianas (f1). A professora 6 (entrevista concedida em 25 set. 2024) aponta, em sua fala, que, além de alguns recursos audiovisuais, pede para os alunos levarem situações problema de seu cotidiano em relação às PCA, “[...] a gente vai trabalhar a metodologia da resolução de problemas e eles vão apontar como a gente faz para resolver isso e eles constroem atividades para aplicar nas aulas”.

Sobre essa temática, Tahara e Darido (2016) destacam que a construção coletiva de materiais didáticos e o uso de tecnologias digitais auxiliam a trazer os alunos para as aulas e os conteúdos, contribuindo para que os alunos assumam uma posição ativa no processo, formando o cidadão que vai produzir, reproduzir e trans-

formar os elementos dessa cultura corporal. Sena (2011) aponta que o uso de tecnologias nas aulas de Educação Física pode viabilizar um novo espaço de aprendizagem, havendo uma integração da cultura intra e extraescolar. Sobre os materiais, Silva, Lima e Vilanova-Campelo (2022) apresentam possibilidades de trabalhar a corrida de orientação de forma a realizar a confecção de materiais como o relógio de sol, determinar os pontos cardeais e as horas, construir uma bússola caseira, montar pontos de controle para organizar pequenos percursos para vivenciar a modalidade, entre outros.

Outra estratégia destacada pelos professores foi de aliar a tecnologia nas aulas com práticas ambientes naturais, como parques, praças e parquinhos. Franco *et al.* (2011) indicam que as atividades físicas de aventura são uma realidade em nossos dias, ocupando um espaço considerável, nos passeios entre amigos e familiares, além das competições e reproduções lúdicas em parques temáticos. Essa aproximação é destacada pelo professor 1 (entrevista concedida em 12 ago. 2024):

Quando eu falo de esportes de aventura, os parquinhos de diversão como que eram e como são hoje. Antes era gangorra, a rodinha, balanço, hoje é escalada, salto, pontes com obstáculos de uma forma mais desafiadora.

Ademais, pensando nas diversas possibilidades de se trabalhar as PCA, pode-se pensar sobre o surfe na escola. No estudo de Santos, Garcia e Leitão (2022), os autores mostram que, para se trabalhar essa modalidade nas aulas, uma opção é criar uma prancha com um rolo em baixo para uma vivência com o equilíbrio. Embaixo dessa prancha, pode ser colocado um tecido azul simulando o mar e a vida marinha. Os alunos que não estivessem na prancha poderiam simular as ondas, por meio do movimento do tecido.

Junto a isso, outro ponto importante sobre as possibilidades pedagógicas são as parcerias com instituições de ensino superior, pois é possível, por meio dessas parcerias, realizar projetos de la-

zer e aventura (f 2) e convidar pessoas da área para apresentar o conteúdo aos alunos (f 1) como uma forma de deixar a aula mais descontraída:

No segundo trimestre, eu tive a participação do projeto de esporte de aventura nas minhas aulas. Eu tive esse conteúdo no trimestre e aí eu conversei com o professor e fizemos um cronograma de participação (professor 3, entrevista concedida em 27 ago. 2024).

O estudo de Corrêa *et al.* (2020) destaca a importância da relação dialógica entre a comunidade escolar e universitária, implementando modelos científicos e pedagógicos no cotidiano das aulas, avançando no ensino das PCA no contexto escolar. Essa ação pedagógica colaborativa pode trazer novos olhares e possibilidades práticas para o trabalho de conteúdos pouco trabalhados na escola, contribuindo com a formação tanto dos profissionais em formação como dos professores das instituições de ensino.

Dessa forma, a temática PCA pode sim ser aplicada em sala de aula, de uma forma lúdica, interdisciplinar, com um método de ensino voltado para a aprendizagem e conhecimento dos alunos, no qual eles realizam uma prática ativa nas aulas (sala de aula invertida), trazendo realidades de seu cotidiano para as aulas. Mesmo com as dificuldades apresentadas pelos professores, é possível observar um leque de métodos para aplicar a temática na qual pode utilizar a sala para parte teórica com *slides*, documentários e seminários, e a prática com recursos adaptativos como a construção de materiais alternativos, bússolas, uso de tecnologias como celulares e mapas digitais.

## 4 Considerações Finais

As práticas pedagógicas das atividades de aventura no contexto escolar vêm se fazendo mais presente nas aulas, em especial após a homologação da BNCC, que traz essa como uma das unidades temáticas obrigatórias da Educação Física e nos cursos de

formação inicial, de modo a atender as necessidades do professor de Educação Física Escolar. No entanto, os achados teóricos e de campo indicam que os professores de Educação Física ainda encontram dificuldades em trabalhar com as PCA em suas aulas.

Sobre as dificuldades, as principais estão relacionadas à estrutura física e material, à indisciplina dos alunos e às fragilidades na formação docente (inicial e/ou continuada). Já sobre as possibilidades, a presente pesquisa identificou o uso de recursos tecnológicos e visuais, materiais adaptados, parceria com instituições de ensino superior com projetos voltados à temática PCA, resgate do conhecimento prévio do aluno e a utilização de metodologias ativas, como o método de ensino da sala de aula invertida.

Pode-se concluir que os professores de Educação Física acreditam que as PCA precisam ser trabalhadas nas aulas, pois envolvem as emoções, a coordenação, a socialização e é uma prática diferente das convencionais, que possibilita a ação interdisciplinar com outras matérias. No entanto, ainda se faz necessário superar barreiras de ordem física, material e atitudinal.

Por fim, ressalta-se a necessidade de novos estudos que ampliem as discussões sobre as possibilidades de trabalho com as PCA nas escolas, trazendo possibilidades com professores de escolas públicas e privadas e a perspectiva dos professores e acadêmicos das instituições de ensino superior.

## Referências

AGAPTO, R. E. de S.; MOURA, D. L. As Práticas Corporais de Aventura no Currículo dos Cursos de Licenciatura em Educação Física nas Instituições de Ensino Superior Públicas do Brasil. **LICERE – Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 204-220, 2023. DOI: <https://10.35699/2447-6218.2023.48245>. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/48245>. Acesso em: 18 set. 2025.

ALVES, I. Pesquisa descritiva. **Enciclopédia Significados**, 2021. Disponível em: <https://www.significados.com.br/pesquisa-descritiva/>. Acesso em: 23 maio 2024.

AMARAL, L. V. do; MEDEIROS, F. R. C. de; SOUZA JÚNIOR, M. B. M. de; ROSA, A. L. T. da; MELO, M. S. T. de. Textos didáticos em Educação Física: percepção docente sobre elaboração e utilização. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 119-128, 2021. DOI: <https://10.11606/issn.1981-4690.v35i1p119-128>. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rbefe/article/view/184427>. Acesso em: 18 set. 2025.

ANDRADE, E.; SOUSA, F. Indisciplina nas aulas de Educação Física. **Unifacvest**, 2014. Disponível em: [https://www.unifacvest.edu.br/assets/uploads/files/arquivos/d68dbandrade,-eric-da-silva.-indisciplina-nas-aulas-de-educacao-fisica.-lages,-unifacvest,2014\\_2.-curso-ef..pdf](https://www.unifacvest.edu.br/assets/uploads/files/arquivos/d68dbandrade,-eric-da-silva.-indisciplina-nas-aulas-de-educacao-fisica.-lages,-unifacvest,2014_2.-curso-ef..pdf). Acesso em: 10 nov. 2024.

ANTUNES, C. **Professor bonzinho-Aluno difícil**: A questão da indisciplina em sala de aula. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

BAGNARA, I.; FENSTERSEIFER, P. O desafio curricular da Educação Física escolar: sistematização de uma pesquisa-ação na escola pública. **Movimento**, v. 25, p. e25008, 2019. DOI: <https://10.22456/1982-8918.82888>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/82888>. Acesso em: 18 set. 2025.

BASTOS, C. Indisciplina: grande obstáculo ao ensino e á aprendizagem. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 6, p. 41241-41253, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv6n6-603>. Acesso em: 18 set. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacionalcomum-curricular-bncc>. Acesso em: 13 maio 2025.

BRASIL. Ministério do Turismo. Turismo de Aventura: orientações básicas. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. Brasília: Ministério do Turismo, 2010. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo-/publicacoes/segmentacao-do-turismo/turismo-de-aventura-orientacoes-basicas.pdf>. Acesso em: 18 set. 2025.

BRASIL, F.; FREITAS, F.; SILVA, C. Práticas corporais e saúde: novos olhares. **Revista brasileira de ciências do esporte**, Curitiba, v. 27, n. 3, p. 169-183, 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4013/401338526012.pdf>. Acesso em: 10 maio 2025.

BUNGENSTAB, G. C.; SANTOS, W. M.; SILVA, L. T.; SANTOS, R. M. A.; HOLANDA, G. I. S.; RAMOS, J. S. D. R.; GUEDES, D. G. da S. Educação Física no Ensino Médio: Possibilidades de Ensino das Práticas Corporais (de Aventura), **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 21, n. 3, p. 29-40, 2017. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/5524>. Acesso em 13 maio 2025.

CARDOSO, V. F.; DE DEUS INÁCIO, H. L. Práticas Corporais de Aventura no Currículo Paulista: desafios no chão da escola. **Revista da FAEEBA-Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 34, n. 77, p. 245-258, 2025. DOI: <https://doi.org/10.21879/faeeba2358-0194.2025.v34.n77.p245-258>. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/faeeba/article/view/21539>. Acesso em 13 maio 2025.

CORRÊA, L. V. de O. M.; BADARÓ, L. F.; SOUZA, J. de; PIMENTEL, G. G. de A. P. Práticas corporais de aventura e biografias de movimento na Educação Física escolar. **Humanidades & inovação**, v. 7, n. 10, p. 253-265, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2893>. Acesso em: 7 jun. 2025.

COZBY, P. C. **Métodos de pesquisa em ciências do comportamento**. São Paulo: Editora Atlas, 2006.

FRANCO, L. C. P. Atividades físicas de aventura na escola: uma proposta nas três dimensões do conteúdo. 2008. 134 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Instituto de Biociências de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/9228bdfe-c77d-42f4-84c1-c05926bfdaad>. Acesso em: 7 jun. 2025.

FRANCO, L. C. P.; OLIVEIRA, E. C. de; OLIVEIRA, I. L. de; OLIVEIRA, M. A. de. Atividades Físicas de Aventura: Proposta de um Conteúdo na Educação Física Escolar no Ensino Fundamental. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 18-35, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/9186>. Acesso em: 22 jan. 2025.

FRANÇA, D. L. de; ROCHA, A. J. P. da; DE OLIVEIRA, V.; VAGETTI, G. C. As práticas corporais de aventura nas aulas de Educação Física escolar: uma revisão de escopo. **Educação: Teoria e Prática**, v. 33, n. 66, e33[2023], 2023. DOI: <https://10.18675/1981-8106.v33.n.66.s16988>. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/16988>. Acesso em: 18 set. 2025.

FREITAS, R. A. M. da M. Formação de conceitos na aprendizagem escolar e atividade de estudo como forma básica para organização do ensino. **Revista Educativa – Revista de Educação**, Goiânia, v. 19, n. 2, p. 388-418, 2017. DOI: <https://10.18224/educ.v19i2.5392>. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/5392>. Acesso em: 18 set. 2025.

FURTADO, R. S. Práticas corporais e Educação Física escolar: sentidos e finalidades. **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 24, n. 3, p. 156-167, 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt>.

br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/8600. Acesso em: 7 jun. 2025.

GODOI, R. C.; YOSHIDA, H. M.; FERNANDES, P. T. Explorando transformações pessoais a partir do esporte de aventura: um estudo de narrativas. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 36, n. 67, p. 1-24, 2024. DOI: <https://10.5007/2175-8042.2024.e99659>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/99659>. Acesso em: 18 set. 2025.

GONÇALVES, J.; COZZA, J.; SOUZA, F. G. de; PEREIRA, M. P. V. de C.; FARIAS, G. O. Práticas corporais de aventura na Educação Física Escolar: uma análise nos periódicos nacionais. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 23, p. 1-23, 2020. DOI: <https://10.5216/rpp.v23.55858>. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/55858>. Acesso em: 18 set. 2025.

LOPES, E do N. Indisciplina na escola de hoje: um olhar necessário. **Revista Científica FESA**, v. 3, n. 22, p. 73-83, 2024. DOI: <https://10.56069/2676-0428.2024.501>. Disponível em: <https://revistafesa.com/index.php/fesa/article/view/501>. Acesso em: 18 set. 2025.

MARTINS, P. C.; SILVA, C A. da. Turismo de Natureza ou na Natureza ou Ecoturismo? Reflexões e contribuições sobre um tema em constante debate. **Revista Turismo em Análise**, São Paulo, v. 29, n. 3, p. 487-505, 2019. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v29i3p487-505>. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rta/article/view/157887>. Acesso em: 18 set. 2025.

MINAYO, M. C. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. **SciELOBrasil**, v. 12, n. 4, p. 1087-1088, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232007000400030>. Acesso em: 18 set. 2025.

MINAYO, M. C. Reflexividade como éthos da pesquisa qualitativa. **SciELOBrasil**, v. 19, n. 4, p. 1103-1112, 2014. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/1413-81232014194.18912013>. Acesso em: 18 set. 2025.

PAIXÃO, J. A.; COUTINHO, R. M. Proposições acerca das práticas corporais de aventura como conteúdo da Educação Física escolar. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 35, n. 66, p. 1-21, 2023. DOI: <https://10.5007/2175-8042.2023.e96398>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/96398>. Acesso em: 18 set. 2025.

PEREIRA, D. W.; ARMBRUST, I. Aventura na perspectiva de professores de Educação Física escolar. **Educação Pública**, v. 21, n. 23, p. 1-13, 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/23/a-aventura-na-perspectiva-de-professores-de-educacao-fisica-escolar>. Acesso em: 5 jun. 2025.

PIMENTEL, G.; ZANON, A.; LIMA, C. Atividades de aventura como tema gerador na escola: proposta pedagógica do grupo de estudos e lazer – GEL. **Unila**, 2017. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/3782>. Acesso em: 5 jun. 2025.

SANTOS, O. C. M.; GARCIA, I. L.; LEITÃO, A. S. P. A tematização do surfe na Educação Física escolar uma experiencia no ensino fundamental a partir de um material didático digital. **Jornada científica e tecnológica do ifsuldeminas**, Machado, MG, v. 14, n. 2, p. 1-4, 2022. Disponível em: <https://josif.ifsuldeminas.edu.br/ojs/index.php/anais/article/view/183>. Acesso em: 5 jun. 2025.

SANTOS, K. dos A.; ROSA, A. dos A. S. Práticas corporais de aventura: o arvorismo na Educação Física escolar. **Debates em Educação**, v. 15, n. 37, e15874-e15874, 2023. DOI: <https://10.28998/2175-6600.2023v15n37pe15874>. Disponível em: <https://periodicos.ufal.br/debateseducacao/article/view/15874>. Acesso em: 18 set. 2025.

SENA, D. C. S. As tecnologias da informação e da comunicação no ensino da educação física escolar. **Hipertextus Revista Digital**,

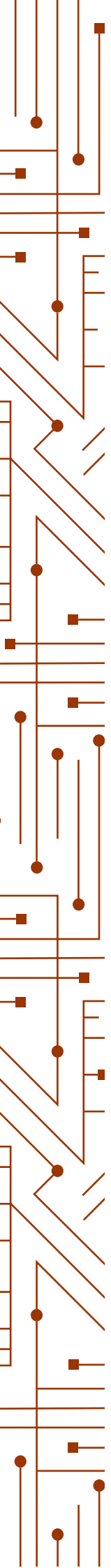
Pernambuco, v. 6, n. 2, p. 2-11, 2011. Disponível em: <https://arquivohipertextus.epizy.com/volume6/Hipertextus-Volume6-Dianne-Cristina-Souza-de-Sena.pdf?i=1>. Acesso em: 18 set. 2025.

SILVA, B. C.; LIMA, G. de S. O.; VILANOVA-CAMPELO, R. C. Práticas corporais de aventura como conteúdo nas aulas de Educação Física escolar: revisão sistemática. **RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar-ISSN 2675-6218**, v. 3, n. 7, e371689-e371689, 2022. DOI: <https://10.47820/recima21.v3i7.1689>. Disponível em: <https://recima21.com.br/recima21/article/view/1689>. Acesso em: 18 set. 2025.

TAHARA, A. K.; DARIDO, S. C. Práticas corporais de aventura em aulas de Educação Física na escola. **Conexões**, Campinas, v. 14, n. 2, p. 113-136, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8646059>. Acesso em: 7 nov. 2024.

TENÓRIO, J. G.; GRIGOLETTO, A. M.; BONAPARTE, A. C. Educação ambiental, práticas corporais de aventura e interdisciplinaridade com Biologia e Matemática. **Praxia-Revista on-line de Educação Física da UEG**, v. 3, e2021008-e2021008, 2021. DOI: <https://10.31668/praxia.v3i0.12020>. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/praxia/article/view/12020>. Acesso em: 18 set. 2025.

TRIANI, F. da S.; NOVAES, R. C.; MAGALHÃES JÚNIOR, C. A. de O.; PAIXÃO, J. A. da; TELLES, S. de C. C. Representações sociais de alunos do ensino fundamental sobre as práticas corporais de aventura como conteúdo das aulas de Educação Física. **Cenas educacionais**, Caetité, BA, v. 6, n. e16316, e16316, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14179440>. Acesso em: 18 set. 2025.



Práticas Corporais de aventura na Educação Física Escolar: desafios e perspectivas ...  
Carolina Rocco da Costa • Victoria Gabriela Obino dos Santos • Elizandro Ricardo Cássaro • Giuliano  
Gomes de Assis Pimentel • Ana Luiza Barbosa Anversa

## Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.